

Weaving Collective Practice

A LEARNING JOURNEY FOR FUNDERS ON CHILD & YOUTH PARTICIPATION

Prática de tecelagem coletiva: Uma jornada de aprendizagem para financiadores sobre a participação de crianças e jovens

Esta jornada de aprendizagem de quatro partes para financiadores explora o que a liderança e a parceria de crianças e jovens significam na prática e apresenta maneiras significativas de praticar o financiamento e a participação voltadas para a criança e na juventude na filantropia.

Organizada por [Elevate Children Funders Group](#) junto com [Georgia Booth](#), [Ruby Johnson](#), o Grupo de trabalho sobre a participação de infantil e juvenil do ECFG, e equipe [What's Possible](#)



Índice



VISÃO GERAL DA SÉRIE

o "quê" e o "porquê" da série

3

NOTAS DA SESSÃO 3

8

Etapas práticas para políticas e práticas de remuneração

BIBLIOTECA

de Recursos e Gravação

5

NOTAS DA SESSÃO 4

12

Tudo junto – financiando movimentos liderados por jovens

NOTAS DA SESSÃO 1

Como apresentar o caso e construir sua visão

6

PALESTRANTES, COANFITRIÕES E ORGANIZADORES DA SÉRIE

13

Um agradecimento muito especial a todos os palestrantes, coanfitriões e organizadores por dar vida a esta série

NOTAS DA SESSÃO 2

Etapas práticas para proteção, cuidado e bem-estar

7



VISÃO GERAL DA SÉRIE

Prática de tecelagem coletiva

No início de 2022, o Elevate Children Funders' Group encomendou um estudo de pesquisa para entender melhor os modelos participativos de crianças e jovens usados pelos financiadores. O [Kit de Ferramentas dos Financiadores para Participação Infantil e Juvenil](#) resultante, criado em conjunto por um incrível grupo de jovens líderes, e com a orientação de um comitê consultivo e do grupo de trabalho de Participação Infantil e Juvenil do ECFG, é o primeiro de seu tipo a oferecer apoio e orientação sobre o “como fazer” importante da participação infantil e juvenil – adaptado especificamente para financiadores.

Com base nesse trabalho, a jornada de aprendizagem da Prática de tecelagem coletiva apoia os financiadores a passar da teoria para a prática, fortalecendo a cultura organizacional e a prática em torno da participação de crianças e jovens na filantropia.

Coorganizada pelo ECFG com [Georgia Booth](#) e [Ruby Johnson](#), os autores do Toolkit, juntamente com o grupo de trabalho CYP do ECFG e a equipe de [What's Possible](#), a série baseia-se na prática coletiva e na experiência de financiadores, profissionais, ativistas e líderes juvenis.

A série compreende quatro webinars; cada um explora etapas práticas para a proteção e bem-estar, remuneração, apresentação interna do caso e financiamento de movimentos liderados por jovens – todos com atividades de reflexão e outros recursos para apoiar os financiadores à medida que aplicam os aprendizados em seu próprio trabalho.



POR QUE A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS?

Antes de começar a série...

Essa jornada de aprendizagem se baseia na crença fundamental de que **a participação expressiva na filantropia pode ser um poderoso catalisador para aumentar o impacto** e a transformação em vários níveis, do individual ao sistêmico.

Ela se destina a financiadores e organizações que procuram melhorar sua capacidade de envolver crianças e jovens em suas doações. Isso inclui aqueles que atualmente fornecer recursos financeiros diretamente a crianças e jovens, ou pretendem fazê-lo, envolver crianças e jovens em seus processos de doação ou apoiar melhor a participação infantil ou juvenil no trabalho de seus beneficiários liderados por adultos.

Dito isso, entendemos que muitos estão em diferentes pontos de sua jornada. **Para relembrar os conceitos básicos de participação, recomendamos assistir ao evento de lançamento do Kit de Ferramentas como um precursor da jornada de aprendizagem.**

Uma observação sobre **acessibilidade linguística**:

Esta série, incluindo as quatro gravações do workshop e notas anexas, bem como a gravação de lançamento do Kit, estão disponíveis em inglês, espanhol, francês e português. Recomendamos compartilhar e aprender com colegas e parceiros nesses idiomas.

Para participantes de língua portuguesa: O Kit de Ferramentas em si está disponível apenas em inglês, francês e espanhol. [Envie-nos um email](#) para informar que você gostaria de ter o Kit de Ferramentas em português para usar. As notas contêm links para trechos do Kit – neste caso, o link disponibilizado é para versão em inglês; você pode acessar os mesmos trechos em espanhol e francês nas notas em cada respectivo idioma.

Alguns recursos externos listados podem não estar disponíveis em português. Criamos links para todas os idiomas disponíveis e pedimos desculpas pela falta de acesso. Se tiver interesse em um recurso específico, envie-nos um e-mail e entraremos em contato com a organização responsável pela publicação para saber se haverá disponibilidade de tradução em português no futuro.



Biblioteca de Recursos e Gravação

Gravações de sessões, leituras e outros recursos recomendados pelos organizadores e palestrantes para aprofundar o aprendizado e servir como recursos extras para discussão

Gravações de sessão

arquivos de vídeo, áudio, transcrição e conversas



Para atualizar a participação, assista à gravação do lançamento do Kit de Ferramentas



Sessão 1: Como apresentar o caso e construir sua visão



Sessão 2: Etapas práticas para proteção, cuidado e bem-estar



Sessão 3: Etapas práticas para políticas e práticas de remuneração



Sessão 4: Tudo junto – financiando movimentos liderados por jovens

Trechos e atividades do Kit de Ferramentas



Tecendo uma tapeçaria coletiva



“Por que PIJ?”



Princípios orientadores & profundezas da participação



Vamos começar: Remuneração



Vamos começar: proteção, cuidado e bem-estar



Atividade: Como desenvolver sua visão

Slides de sessão, mentis e murais



Sessão 1: Slides, Mural e Resultados do menti



Sessão 2: Slides



Sessão 3: Slides e Mural



Sessão 4: slides e desafios enfrentados por Jayaa e as recomendações para financiadores

Recursos para explorar mais a fundo

recomendações para financiadores e como apresentar o caso

- Manual de recursos CIVICUS
- Sem linhas retas FRIDA
- Meninas à frente FRIDA e Mama Cash
- Como planejar um kit de ferramentas internacional: rotas para grupos liderados por jovens
- Recursos e recomendações para financiadores We Trust You(th)
- Práticas de Engajamento Juvenil & Manual de LCP de EMpower

sobre a proteção

- Plano de investimento para meninas adolescentes, kit de proteção, formulário de consentimento e ferramenta de avaliação de risco para as reuniões virtuais e sessões de planejamento com meninas e jovens.
- Amnesty, Ser resiliente ao tentar salvar o mundo (Volume 2): um manual de bem-estar para jovens ativistas (disponível em francês e espanhol).
- Política de proteção e artigo associado da FRIDA.
- Website de Funders Safeguarding Collaborative.
- Manifesto de alegria da FRIDA.
- Curso de proteção transformativa da United Edge.
- Fundo Global para Crianças: Safeguarding Resources | Recursos de salvaguarda.
- Recurso da Firelight Foundation sobre proteção dirigida pela comunidade.
- Resumo de aprendizado Em busca da segurança do CRIF.

sobre a remuneração

- Melhores práticas de apoio para que jovens participem de congressos
- 10 Reflexões sobre a remuneração de ativistas meninas e jovens
- Maximizar benefícios: um quadro recomendado para voluntariado e remuneração para jovens para quem desenvolve uma política de remuneração
- Na prática: como as fundações podem remunerar as partes interessadas por seu tempo - exemplos de pagamentos de estipêndios
- Engajamento de voluntários, remuneração indireta e experiência juvenil
- Manifesto feminista jovem da GEF: uma visão ousada e transformativa para mudança



Notas da Sessão I: Como apresentar o caso e construir sua visão

No primeiro workshop, recebemos os participantes, demos uma visão geral dos materiais de aprendizagem e do escopo geral da jornada e iniciamos a comunicação e a construção de evidências. Exploramos as barreiras internas dentro das organizações e aprofundamos a compreensão do que moverá as pessoas. Os participantes desenvolveram mensagens-chave e um plano de como envolver seu público relevante (por exemplo, liderança sênior, conselho, doadores, etc.).

Painel de discussão

Palestrantes em destaque

- | | |
|------------------------------|---|
| 1. Douglas Calixto, Porticus | 3. Jayanthi Pushkaran, EMPower |
| 2. Anna Windsor, Wellspring | 4. Lucile Bula, Swiss Philanthropy Foundation |

Conclusões principais

1. Dentre as estratégias bem-sucedidas para aumentar o apoio a abordagens participativas, encontram-se compartilhar estudos de caso e evidências do impacto, construir relacionamentos intergeracionais pessoais e abordar o risco de maneira participativa – embora reconhecer isso seja demorado.
2. Reconhecer o componente emocional do trabalho participativo – adaptar as mensagens para fazer eco aos valores e crenças de diferentes partes interessadas para uma defesa eficaz e mudança interna.
3. Abordar as barreiras subjacentes relacionadas às percepções e sistemas de crenças. De modo geral, os desafios práticos mascaram questões mais profundas, como preconceitos e sistemas de valores, que precisam ser abordados para seguir em frente com engajamento juvenil.
4. Dar autonomia aos diretores do programa e aos parceiros beneficiários e estruturar iniciativas como pilotos para aprender a ajudar a superar a resistência inicial e permitir a experimentação e o refinamento.

Oficina de redação de mensagens - Pergunte a si mesmo:

1. Quem você está tentando mudar internamente? Quais desafios estão associados a esse público?
2. O que importa para essas pessoas/o que as emocionará? Em que precisam acreditar ou o que precisam saber para agir?
3. Quais são as duas principais mensagens que você acha que ressoarão com esse público? Considere a abordagem Cabeça, Coração, Mão:
 - a. Cabeça – O que você quer que as pessoas saibam (fato)
 - b. Coração – O que você deve sentir (história/exemplo)
 - c. Mão – O que podem fazer (como isso é de forma concreta)

Quer aprofundar seu aprendizado e prática?

- | | |
|---|--|
| • Leia a seção de 3 páginas “Por que PIJ?” de Tecendo uma tapeçaria coletiva | • Arquivos de gravação |
| • Faça a atividade Como desenvolver sua visão | • Slides e Mural |
| • Para atualizar a participação, assista à gravação do lançamento do Kit de Ferramentas | • Resultados do menti |
| • Agende uma conversa com Georgia e Ruby | • Práticas de Engajamento Juvenil & Manual de LCP de EMpower |



Notas da Sessão 2:

Etapas práticas para proteção, cuidado e bem-estar

Sob a óptica de cuidado e bem-estar, e fundamentada no entendimento de que todas as questões de proteção estão enraizadas no poder, privilégio e preconceito consciente ou inconsciente, o segundo workshop explorou como é uma abordagem de participação informada sobre trauma e identificou estratégias práticas para a salvaguarda, incluindo o trabalho com menores de 18 anos. Exploramos o que significa “não fazer mal” enquanto equilibramos proteção e agência e praticamos práticas de incorporação adequadas para crianças e jovens.

Painel de discussão

Palestrantes em destaque

- | | |
|--|--|
| 1. Gabrielle Bailey, CRIF | 3. Tomaida Banda, Firelight Foundation |
| 2. Ainagul Amatbekova, FRIDA | 4. Chandeerah Davis, Girl Up , UN Foundation |

Conclusões principais

1. **A proteção é uma responsabilidade compartilhada** entre as funções organizacionais, a comunidade e os jovens – não é apenas uma responsabilidade principal de proteção. Encontrar um equilíbrio entre respeitar a autonomia dos jovens e manter a sua segurança.
2. **Proteção base em cuidado, bem-estar e alegria.** Investir em abordagens mais holísticas e informadas sobre o trauma; considerar trabalhar com profissionais de bem-estar, proporcionando espaços de cura e redefinindo a proteção para incluir segurança/risco e cura.
3. **Abordar a dinâmica do poder e desenvolver a confiança.** Aproveitar o tempo para construir relacionamentos autênticos e criar um ambiente seguro e de apoio para os jovens se envolverem. Deixar de lado as expectativas e garantir que os jovens tenham poderes iguais.
4. **Considerar o poder do dinheiro.** Abordar o “trauma do dinheiro” em si mesmo, em sua organização e entre os jovens. Dar apoio para percorrer as complexidades do dinheiro e do poder, criando espaços seguros para discutir.
5. **Os financiadores devem fornecer recursos adequados** para a facilitação eficaz da proteção, treinamento e capacitação e criação de espaços seguros.

Quer aprofundar seu aprendizado e prática?

- Leia “[Princípios orientadores](#)” e as seções “[Vamos começar: proteção, cuidado e bem-estar](#)”
- Confira [as gravações](#) e os [slides](#) da seção
- Agende uma conversa com [Georgia](#) e [Ruby](#) para analisar os planos

Recursos de campo

- [Plano de investimento para meninas adolescentes, kit de proteção, formulário de consentimento e ferramenta de avaliação de risco](#) para as reuniões virtuais e sessões de planejamento com meninas e jovens.
- Amnesty, [Ser resiliente ao tentar salvar o mundo \(Volume 2\): um manual de bem-estar para jovens ativistas](#) (disponível em francês e espanhol).
- [Política de proteção](#) e [artigo associado](#) da FRIDA.
- [Website de Funders Safeguarding Collaborative](#).
- [Manifesto de alegria da FRIDA](#).
- [Curso de proteção transformativa da United Edge](#).
- Fundo Global para Crianças: [Safeguarding Resources](#) | [Recursos de salvaguarda](#).
- [Resumo de aprendizado Em busca da segurança](#) do CRIF.



Notas da Sessão 3:

Etapas práticas para políticas e práticas de remuneração

Em nosso terceiro workshop, exploramos, com exemplos reais do setor, questões comuns sobre remuneração: Qual a remuneração a ser paga e em que estágio do processo? Como equilibrar remuneração com baixa participação? Como transferir dinheiro para grupos e indivíduos informais de forma prática? Quais são os riscos legais e de proteção a serem considerados? Quais são os exemplos de remuneração não financeira?

Painel de discussão

Palestrantes em destaque

1. Elisa Novoa, coordenadora sênior de programas, Women Win (anteriormente CIVICUS)
2. Faith Kaoma, cofundadora e COO, Copper Rose Zambia, (também parte de We Trust You(th))
3. Ola Abagun, diretora executiva, ATHENA Network

Conclusões principais

1. **Sempre que possível, a remuneração deve ser decidida em conversa com os jovens.** Se puder, ofereça várias de opções de remuneração financeira e não financeira (o ideal seria uma combinação de ambas) e deixe que os jovens selecionem o que lhes faz mais sentido. Lembre-se que você está criando tempo e espaço para feedback e iteração.
2. **Quando se trata de remuneração, não há uma resposta “certa”.** Pode ser útil ter uma política para orientar o processo de tomada de decisão de forma equitativa, mas deve haver espaço para nuances, pois é caso a caso.
3. **Sempre que possível, cobrir todas as despesas antecipadamente.** Não espere que os jovens sejam capazes de ganhar dinheiro e não faça perguntas que sugiram que precisam revelar sua situação financeira.
4. **Discutir os riscos de segurança com adolescentes e buscar orientação de colegas ou parceiros de seu país, se possível.** É importante diferenciar entre trabalho remunerado e estipêndio, portanto, seja transparente sobre se a função é como participante, voluntário ou trabalhador.
5. **Para as organizações, oferecer remuneração ainda é um fato novo.** Aprender e compartilhar, com transparência e vulnerabilidade, é fundamental e os financiadores são incentivados a compartilhar práticas, políticas (minutas também!) e insights uns com os outros.

Quer aprofundar seu aprendizado e prática?

- Leia a seção de 3 páginas em Vamos começar: Remuneração no Kit de Ferramentas
- Confira as gravações, slides e mural da seção
- Agende uma conversa com Georgia e Ruby para analisar os planos

Recursos de campo

- Melhores práticas de apoio para que jovens participem de congressos
- 10 Reflexões sobre a remuneração de ativistas meninas e jovens
- Maximizar benefícios: um quadro recomendado para voluntariado e remuneração para jovens para quem desenvolve uma política de remuneração
- Na prática: como as fundações podem remunerar as partes interessadas por seu tempo - exemplos de pagamentos de estipêndios
- Engajamento de voluntários, remuneração indireta e experiência juvenil
- Manifesto feminista jovem da GEF: uma visão ousada e transformativa para mudança

Recursos de campo

Muitos estão no processo de desenvolver suas próprias políticas de remuneração, mas parece cedo para a maioria. Se tiver um rascunho para compartilhar, envie-o aqui para que possamos aprender juntos. Se quiser que sua política seja anonimizada antes de compartilhar, envie-a por email para Zoe, que removerá todos dados identificadores antes de sua publicação.

As páginas 2-4 trazem orientação sobre as perguntas que surgiram na conversa



Perguntas sobre remuneração que surgiram durante a sessão

Embora muitas perguntas tenham surgido como parte da conversa, todas se encaixaram em um dos seis temas. Abaixo, oferecemos orientação sobre cada um desses temas:

Quanto remunerar e formas de pagamento

Em termos de valor, isso depende do compromisso de tempo, bem como do contexto, do tipo de financiador que você é e de seu orçamento (por exemplo, organizações/financiadores feministas menores podem sofrer mais com a escassez de recursos do que uma fundação privada). **Não há uma resposta certa e não haverá uma resposta única para todos.**

Alguns financiadores e ONGs calculam isso com base em um valor por hora. Outros tomam por base uma diária de nível baixo a médio ou apenas um valor fixo. Estes são alguns exemplos reais:

- US\$ 25 – 30 por hora para painelistas em um processo de PGM ou aconselhamento sobre um processo de estratégia/programa.
- US\$ 250 para um processo de colaboração/validação para um relatório participar de dois workshops, revisar e dar feedback por escrito sobre o relatório e participar do evento de lançamento como palestrante.
- US\$ 250 – 300 de estipêndio mensal para a função de coordenador voluntário para uma rede com compromissos de tempo variando entre zero horas e 20 horas por mês.
- US\$ 500 – 1000 para participação em uma consultoria por 6 a 12 meses. Às vezes, espera-se que os consultores paguem por pacotes de dados para seus telefones com esse dinheiro.
- US\$ 250 – 1000 como taxa de palestrante/facilitação

Se não tiver certeza, converse com jovens, parceiros e colegas. Se o processo participativo for de longo prazo, crie tempo e espaço para feedback e revisão da remuneração oferecida. Se o processo for mais curto, crie tempo para o feedback no início e no final.

A remuneração é diferente das despesas e deve ser reconhecida como tal. Dentre as necessidades de acesso, estão tradução, interpretação, pacotes de dados/pagamento de um dispositivo, necessidades de acesso relacionadas a uma deficiência ou apoio a creche. Outras despesas podem ser viagens, vistos, seguro de viagem, diárias, acomodação, alimentação, etc. Isso deve sempre ser pago de forma parcial ou total antecipadamente e há riscos de segurança muito reais, se não for o caso. Não faça suposições sobre as despesas – pergunte aos jovens quais despesas podem incorrer e cheguem a um acordo quanto ao pagamento.

Em termos de formas de pagamento, concorde com sua equipe financeira com bastante antecedência sobre como os pagamentos podem ser feitos para descobrir possíveis obstáculos. O pagamento pode ser feito por transferência bancária, Western Union, PayPal ou em dinheiro. Os jovens podem preferir pagamento em conta bancária de um familiar ou a uma organização local.



Perguntas sobre remuneração que surgiram durante a sessão

Embora muitas perguntas tenham surgido como parte da conversa, todas se encaixaram em um dos seis temas. Abaixo, oferecemos orientação sobre cada um desses temas:

Decidir se deve oferecer uma remuneração e que tipo

Sugerimos testar a árvore de tomada de decisão no documento de definição de escopo de CIVICUS e Restless para avaliar se o jovem está assumindo um papel de participante, voluntário ou trabalhador. Se você não tiver certeza, converse com os jovens, bem como com outros parceiros e financiadores/colegas, para entender outras pessoas consideram e lidam com a remuneração.

Se puder, converse com os jovens sobre como seria a remuneração e o reconhecimento e ofereça uma variedade de opções – por exemplo, alguns podem preferir ser financiados para participar de um workshop ou curso e depois receber em dinheiro. Continue em contato durante todo o processo, caso as coisas mudem, como o compromisso de tempo esperado.

Deixe claro logo de início como e quando a remuneração será paga/compartilhada. Isso será feito com base na confiança, em diferentes pontos (talvez vinculados a marcos) ou no final? Tanto quanto possível, sugerimos pagar um pouco ou tudo antecipadamente para evitar atrasos mais tarde. Se a remuneração estiver ligada aos níveis de engajamento, deixe isso muito claro e talvez discuta com os jovens como isso deve ser no início, em vez de decidir unilateralmente. Pode haver uma tendência a assumir uma postura punitiva, em vez de conversar com os jovens sobre por que sua participação é baixa (talvez haja outras necessidades de apoio ou cuidado) e trabalhar para dar seu apoio. Esta pode ser uma boa oportunidade para discutir a responsabilidade compartilhada entre os jovens, em oposição à responsabilidade perante o financiador/organização, e facilitar uma conversa para decidir como pode ser um mecanismo de responsabilidade compartilhada.

Exemplos de remuneração não financeira

Cartas de recomendação, acesso a pessoas/redes/financiadores, informações sobre oportunidades de financiamento e advocacy, treinamentos/oportunidades de capacitação (devem ser definidos por/com jovens), acesso ou financiamento para profissionais de espaço de cura e bem-estar e apoio, cupons/cartões-presente, aceitação e reconhecimento em relatórios/recursos públicos (devem ser definidos por/com jovens).



Perguntas sobre remuneração que surgiram durante a sessão

Embora muitas perguntas tenham surgido como parte da conversa, todas se encaixaram em um dos seis temas. Abaixo, oferecemos orientação sobre cada um desses temas:

Preocupações legais e de proteção e criação de uma política

Discutir os riscos de segurança com os adolescentes, procurar orientação de colegas ou parceiros desse país, se possível, e obter o consentimento dos pais (diferentes organizações têm posições diferentes sobre o consentimento dos pais e responsáveis). É importante diferenciar entre trabalho remunerado e um estipêndio, que não necessariamente se enquadram nas mesmas leis trabalhistas (e têm implicações fiscais, por exemplo). Há muitas áreas cinzentas e pode ser necessário caso a caso. Estar em espaços de aprendizagem com outros financiadores e ONGs que trabalham com adolescentes para ver como os outros estão oferecendo remuneração e gerenciando riscos. É possível e pode ser seguro, mas há, é claro, muitas áreas cinzentas e talvez seja necessário tratar cada caso de forma diferente. Pode ser útil ter uma política para orientar esse processo de maneira equitativa, mas deve haver espaço para nuances.

Sugerimos envolver as equipes jurídica/RH/financeira/de proteção desde o início para entender os processos estruturais e processuais internos que podem precisar ser adaptados ou transformados. Se já sabe em quais regiões a remuneração ocorreria, procurar aconselhamento sobre as leis trabalhistas locais e outras leis que possam restringir a movimentação de dinheiro, particularmente de organizações internacionais. Se possível e apropriado, criar espaço para a aprendizagem e o diálogo entre os jovens e os colegas. Isso pode ser preciso mais tarde no processo, se houver algum trabalho de fortalecimento da capacidade interna para fazer com colegas que podem não ter trabalhado com jovens antes.

Ao criar uma política, recomendamos documentar exemplos/abordagens implementados, bem como quaisquer aprendizados com esses exemplos. O que funcionou? O que foi desafiador? O que você faria diferente da próxima vez? Existem padrões/modelos que parecem funcionar e podem ser facilmente adaptados em outros contextos?

Trabalhar em diferentes contextos (global vs local, grupos mistos de adultos e jovens, etc.)

Se estiver reunindo um grupo de diferentes países/regiões para o mesmo projeto, recomendamos oferecer uma taxa definida e não ajustar as taxas do mercado local. Em geral, essa abordagem se concentra no custo de vida e não leva em consideração a riqueza herdada, o privilégio de visto/passaporte (permitindo que algumas pessoas tenham a liberdade de trabalhar em países “mais baratos” enquanto recebem taxas europeias/americanas). Vimos que funciona bem quando você escolhe uma taxa mais alta a oferece a todos. Considerar as tarifas bancárias/de transferência; pagar separadamente. Se estiver em um processo participativo em um país ou região, aconselhamos trabalhar com taxas locais e procurar aconselhamento/orientação de jovens nesse país/região.

Em um ambiente de idade mista, seu valor é, na verdade, sua idade, portanto, o valor de sua perspectiva exige que eles sejam jovens. Neste caso, escalas ou níveis salariais com base na idade ou anos de experiência não funcionariam. Em um ambiente de grupo consultivo, também é importante considerar que muitos adultos provavelmente têm uma renda em tempo integral para sustentar a participação voluntária, enquanto os jovens que ainda estão na escola ou na universidade provavelmente se voluntariam durante o período em que poderiam ter um emprego de meio período; portanto, reconhecer que a remuneração em reconhecimento ao seu tempo e esforços pode ajudar a prevenir o esgotamento e apoiar sua participação contínua.



Notas da Sessão 4:

Tudo junto - financiando movimentos liderados por jovens

Em nosso workshop final, refletimos sobre a mais alta forma de participação: financiar diretamente movimentos liderados por jovens e jovens ativistas. Isso incluiu uma reflexão sobre as tendências no financiamento de movimentos juvenis e organizações lideradas por jovens em todo o mundo e o quanto são poderosos (e subfinanciados). Ouvimos diretamente dos líderes do movimento liderado por jovens, que ofereceram dicas finais enquanto você embarca em sua jornada.

Mesa redonda de ativistas

Palestrantes em destaque

1. Ruby Johnson, ativista feminista, estrategista, escritora e praticante
2. Dra. Ramatu Bangura, diretora executiva, Children's Rights Innovation Fund
3. Jennifer Kaberi, fundadora e CEO, Mtoto News
4. Brian King, gerente-adjunto de participação infantil, Mtoto News
5. Omar Hemed, diretor do departamento infantil, Mtoto News
6. Jayaa Jaggi, promotora da paz juvenil (leia as recomendações de Jayaa para financiadores)
7. David, Michelle, George, Jovens Ativistas da Mtoto News

Quer aprofundar seu aprendizado e prática?

- Leia os arquivos de gravação e slides
- Leia os desafios enfrentados por Jayaa e as recomendações para financiadores
- Leia a seção de 3 páginas do Kit de Ferramentas sobre as profundezas da participação e recursos flexíveis para grupos liderados por jovens
- Agende uma conversa com Georgia e Ruby

Recursos de campo

- Manual de recursos CIVICUS
- Sem linhas retas FRIDA
- Meninas à frente FRIDA e Mama Cash
- Como planejar um kit de ferramentas internacional: rotas para grupos liderados por jovens
- Recursos e recomendações para financiadores We Trust You(th)

Conclusões principais

- Os jovens são a força motriz por trás das mudanças sociais históricas e atuais, ressaltando a necessidade de compromissos explícitos para financiar mudanças lideradas por jovens.
- Financiar o ativismo e a liderança dos jovens é a forma mais verdadeira de participação, e é papel da filantropia garantir que seu trabalho tenha recursos e seja elevado. Isso requer a mudança de práticas de financiamento, acordos de parceria, relatórios e maneiras de trabalhar.
- Os jovens líderes estão lutando para acessar recursos para seu trabalho devido a oportunidades limitadas de apoio financeiro, desafios de registro, modelos de reembolso e a inflexibilidade das estruturas de financiamento. Eles pediram aos financiadores financiamento direto, flexível e plurianual.
- É primordial construir confiança e relacionamentos entre financiadores e jovens líderes. Incentivou-se os financiadores a trabalhar em colaboração com iniciativas juvenis, entendendo seus desafios e fornecendo orientação em vez de impor regras rígidas.
- Considere o financiamento de um fundo existente criado para fazer parcerias significativas com grupos liderados por jovens. Se estiver contratando grupos diretamente, pense em como as metodologias participativas podem ajudar a construir um relacionamento de confiança e significativo, por exemplo, doações participativas, relatórios centrados no beneficiário, etc.



Palestrantes, coanfitriões e organizadores da série

Um agradecimento muito especial a todos os palestrantes, coanfitriões e organizadores por dar vida a esta série

Georgia Booth

Georgia é defensora feminista e especialista em estratégia com mais de 10 anos de experiência em programação, influência, desenvolvimento de estratégias e concessão de subsídios, com um forte foco na ação coletiva de meninas e jovens. Ela tem experiência técnica em direitos das meninas, participação significativa de jovens e justiça de gênero, e experiência em trabalhar com organizações comunitárias, ONGs e instituições filantrópicas. Para obter mais informações sobre serviços e abordagem, acesse www.georgia-booth.com.

Ruby Johnson

Ruby é ativista feminista que trabalha para redistribuir recursos para comunidades que estão resistindo de forma corajosa e criativa, reformando e reimaginando alternativas ao sistema atual. Sua força está em ser o que une pessoas e ideias. O foco de seu trabalho é garantir que as pessoas impactadas estejam liderando em design e tomada de decisão. Ela dedica tempo para garantir processos significativos que nos aproximem do compartilhamento de poder, centralizando a confiança, a responsabilidade e a alegria. Para saber mais: www.rubyamelia.com.

What's Possible

What's Possible (O que é possível) é um Instituto de Aprendizagem Experiencial e um fundo comum de US \$ 1 milhão em parceria com o [CRIF](#) e a [We Trust You\(th\)](#). What's Possible permitirá que uma coorte de doadores aprenda e planeje AO MESMO TEMPO EM QUE financia doações participativas orientadas por jovens. Explore o que é possível quando os financiadores seguem o exemplo dos jovens em crifund.org/learning-community/whats-possible.

Palestrantes da série

Nossos agradecimentos a: Jayanthi Pushkaran ([EMPower](#)), Douglas Calixto ([Porticus](#)), Anna Windsor ([Wellspring](#)), Lucile Bula ([Swiss Philanthropy Foundation](#)), Gabrielle Bailey ([CRIF](#)), Ainagul Amatbekova ([FRIDA](#)), Tomaida Banda ([Firelight](#)), Chandeerah Davis ([Girl Up](#), [UN Foundation](#)), Elisa Novoa ([Women Win](#), anteriormente [CIVICUS](#)), Faith Kaoma ([Copper Rose Zambia](#), [We Trust You\(th\)](#)), Ola Abagun ([ATHENA Network](#)), Dra. Ramatu Bangura (CRIF), Jennifer Kaberi, Brian King, e Omar Hemed ([Mtoto News](#)), [Jayaa Jaggi](#) (Promotora da Paz Juvenil), e David, Michelle, e George (Youth Activists, [Wish Hub Africa](#)).



Elevate Children Funders Group

O ECFG é uma rede global de financiadores com foco exclusivo no bem-estar e nos direitos de crianças e jovens. Apoiamos crianças e jovens construindo uma comunidade de financiadores e criando espaços para: maior aprendizado e eficácia na forma como usamos nossos recursos individuais; mais colaboração e alinhamento nas variadas estratégias filantrópicas; ação coletiva para mais e melhor financiamento e apoio ao nosso campo mais amplo.

Um agradecimento especial para o Grupo de Trabalho de Participação Infantil e Juvenil do ECFG, copresidido por Vanessa Stevens (Fundo Global para as Crianças), Souleymane Sagna (Fundo para os Direitos Humanos Globais) e Anna Windsor (Wellspring Philanthropic Fund), que iniciou a tarefa desta série de aprendizado e ofereceu insights e orientações durante todo o tempo.

Tem interesse em continuar a conversar? [Entre em contato.](#)